

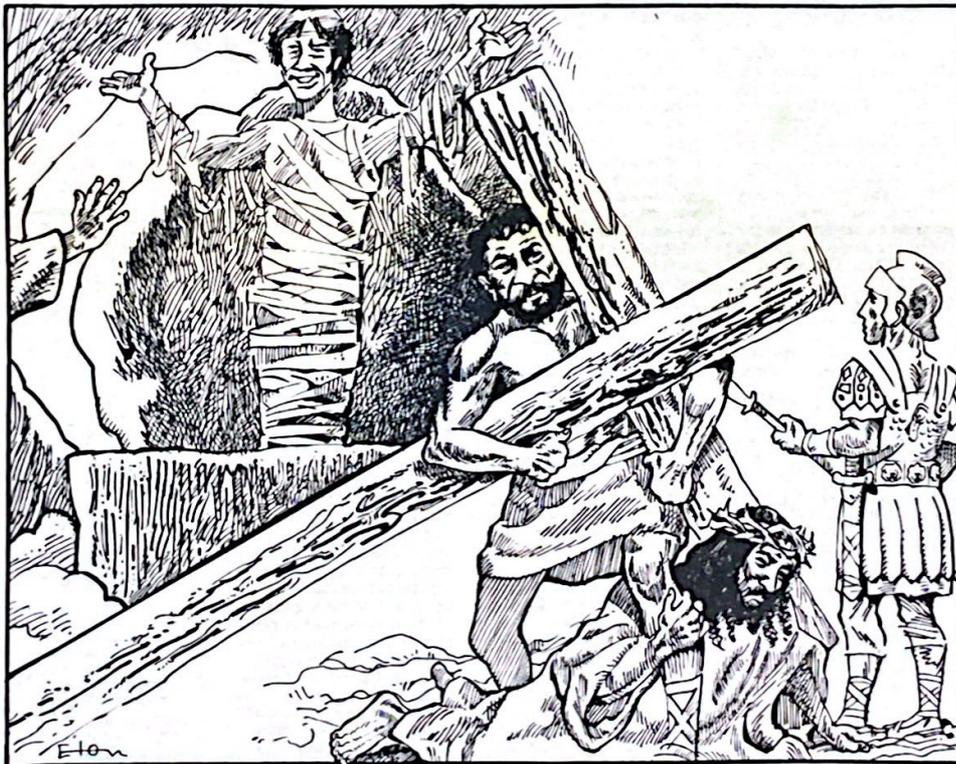


DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Duas obras-primas: "O Evangelho de Lázaro" e "Simão Cirineu"

Carlos da Silva Lacaz

O artigo que escrevi em "O Estado de S. Paulo", intitulado "Síndrome de Lázaro e a terapêutica do conforto" (2/4/1989), com agradável e simpática repercussão, propiciou-me receber de Homero Senna, escritor guaratinguetaense radicado no Rio de Janeiro e a quem tanto quero, por antigos laços de família e de amizade, dois pequenos livros de Orígenes Lessa (1903-1986), muito originais: "O Evangelho de Lázaro" (2.ª ed., Rio, 1976) e "Simão Cirineu" (Rio, Nordica, 1986) "ambos elegendo a integridade moral como prêmio maior, muito acima do reconhecimento temporal e físico dos seus contemporâneos". Abordando temas bíblicos, o grande escritor, natural de Lençóis Paulista, membro da Academia Brasileira de Letras, falecido aos 83 anos, era filho de um pastor protestante, homem de grande cultura. Um de seus mais famosos livros é o romance "O feijão e o sonho", que em 1985 contava com nada menos que 31 edições. Foi, porém, aos 70 anos que toda sua cultura religiosa, os ensinamentos paternos e os estudos no seminário, as longas e meditadas leituras da Bíblia vieram a frutificar em duas pequenas obras-primas: **O Evangelho de Lázaro**



e **Simão Cirineu**. Conforme já referi em artigo anterior, "O Evangelho de Lázaro" é a história do irmão de Marta e de Maria, que Jesus ressuscitou entre os mortos, realizando o famoso milagre de Betânia. Mas, nos momentos em que a divindade de Cristo estava sendo posta em dúvida, Lázaro torna-se covarde. Omite-se, foge, para não dar o testemunho dos poderes divinos do mestre. E

como isto ocorre tão prodigamente nos tristes dias de hoje! "O Evangelho de Lázaro" é o romance da condição humana, disse-o com razão Ivan Cavalcanti Proença ao prefaciar esta obra-prima de um dos maiores contistas de toda a nossa história literária. Só um Deus misericordioso poderia perdoar a Lázaro. Todos sabem que Jesus antes de tirá-lo da sepultura, chorou. Chorou por saber que longe ele

estaria por merecer o que realizara. "Simão Cirineu", também livro de tema bíblico, fala do carpinteiro de Cirine que ajudou Jesus carregando a cruz por algum tempo. Cristo não permitiu, porém, que ele sentisse o peso dela sobre os ombros. O autor, em todo o texto, sublinha a fragilidade do ser humano. Em parágrafos curtos, Orígenes Lessa nos fala dos diálogos de Simão Cirineu com o fariseu

Gamaliel. Verificamos, então, que o grande escritor paulista nos dá o testemunho de seu reencontro com a fé, o sal de sua aliança com Deus, tudo escrito em estilo fluente e veloz. Antonio Houaiss assinala que em Simão Cirineu o famoso romancista consegue fazer o leitor cristão afirmar sua vocação de pureza e ingenuidade e, também, de fé orientada, definida e dirigida, através da

qual o homem irá se redimir um dia, através de provas de solidariedade, de esperança e de bondade.

Protagonista estupendo do drama do Gólgota, o personagem de Orígenes Lessa não teve a alegria de ver este seu último trabalho impresso, o que ocorreu depois de sua morte.

Em "Oração do Médico Novo", de Jamil Almansur Haddad, o grande poeta da Faculdade de Medicina, tomei conhecimento desta sagrada profissão, quando em sua portentosa e épica poesia, proclamando os médicos a exercerem esta sagrada profissão, evocou a figura do famoso personagem da Bíblia, referindo ao seu final "Dá, Senhor, à minha alma, a generosidade dos nascentes que, nos caminhos ásperos, matam as sedes de todos os passantes! Dá-lhe, Senhor, um destino lúcido de árvore que é sombra para acolher, fruto para nutrir, levando a lanterna para que o caminhante não se transvie. E que eu reviva, Senhor, o gesto de grande luz do Cirineu, o que te ajudou, meu Cristo, a levar a cruz".

Quantas lições de humildade, de sabedoria, de bondade, de esperança e de grandeza não ofereceu Orígenes Lessa nesses dois pequenos livros, verdadeiros textos sem idade e que serão para sempre marcos fundamentais na história de nossa literatura.

JANEIRO DE 1990

O curare e o cientista

Walter Pinheiro Guerra

O curare ou "urari", na língua indígena, é um veneno de origem vegetal, elaborado por algumas tribos ameríndias. O primeiro a interessar-se pela exótica planta foi sir Walter Raleigh, que, em 1595, levou-a para a Europa, de sua viagem à Guiana. De sua parte, La Condamine, quando de sua estada na América Meridional, em 1745, referiu-se ligeiramente ao curare, que denominou "urari", como também ao caucho". Como sempre ocorreu, os países do Velho Mundo, por conta de suas conquistas territoriais, serviram-se das essências e outros produtos extrativos da rica flora das regiões colonizadas.

Eram enviados às respectivas metrópoles, o que aconteceu com as nações do Novo Mundo e da Ásia, caso da Índia. Os índios sul-americanos e da América Central se utilizaram do curare para fazer veneno sagitário, com o qual ervavam pontas de flechas e dardos de zarabatanas.

Tal medida permitia-lhes a apreensão da caça, paralisada pelo efeito do curare, ingerindo a carne sem maiores danos, uma vez que o tóxico não atua por via digestiva. Vem, em seguida, o caso do caucho, goma elástica abundante na Amazônia brasileira e peruana. Com essa goma, os silvicultores fabricavam utensílios de que necessitavam, inclusive bolas de sernambi, para divertimento das crianças em suas aldeias.

Outros cronistas dos séculos XVI e XVII referiram-se a um estranho e violento veneno preparado pelas tribos das regiões que percorreram. Também Humboldt (1765-1889), considerado o descobridor científico da América, teve sua curiosidade despertada pelo curare. Segundo o relato de Gastão Cruis (Hiléia Amazônica - Liv José Olimpio - Ed. RJ - 1958), interperando um índio, este respondeu que era um veneno "que matava baixinho". Vale dizer, que matava de manso, isento de alar-des, deixando sua vítima na condição de "morto-vivo", em consequência de sua ação paralisante, que, aos poucos, invade todo o organismo.

Mais tarde, de posse da matéria-prima, Clau-

de Bernard (1813/1887), o pioneiro da fisiologia em bases científicas, lançava sua "Introdução aos Estudos da Medicina Experimental", consagrando-se como o pai da medicina experimental contemporânea. Outros estrangeiros que interessaram-se pelo curare foram os irmãos Robert e Richard Schomburgk (1838/1839), de origem germânica. Um deles chegou a descobrir e classificar um cipó contendo o alcalóide do curare.

Denominou-o "Strychnos Scomburgk". Empenharam-se na sua obtenção, bem como do curare. Em nosso meio, os pesquisadores João Batista Lacerda e Barbosa Rodrigues dedicaram-se a estudos de plantas curarizantes.

Até mesmo na literatura entrou o curare. Segundo o dr. Durval de Araújo Gonçalves, em "Relatório Básico" - Min. da Saúde - Roraima - 1965 - Rocambole, personagem de ficção de Ponson du Terrail, numa de suas aventuras, utilizou-se de veneno que faz lembrar o nosso curare ameríndio. Outro foi o escritor Júlio Ribeiro, quem sabe inspirado em Rocambole, que em seu romance "A Carne" descreve o suicídio de um dos personagens vítima do pelo curare.

Até parece que ao Brasil estava reservado curioso destino, quanto ao que se sabe, desse virulento tóxico. Várias tribos brasileiras fabricam-no e o utilizam sobretudo para caça. Não há notícia de que o tenham usado na guerra. Mesmo porque as tribos que não sabiam obtê-lo, por não haver em suas terras a matéria-prima onde tirá-lo, o conseguiam pelo sistema de troca com as tribos que sabiam fabricá-lo ou possuíam o curare pronto para seu emprego.

Mutatis mutandis é o caso dos artefatos nucleares, confeccionados por algumas potências mundiais, os Estados Unidos e a Rússia à frente. O temor da retaliação e o equilíbrio do terror faz com que ninguém se arrisque a ser o primeiro a pressionar o fatídico botão, desencadeando a apocalíptica e indesejada catástrofe que a todos atingirá.

Neste particular, assemelham-se os índios. Quem de boa fé assegurará que o adversário não possui idêntico

artefato? O que pouca gente sabe, e aqui retomamos a enfatizar o singular destino do Brasil, é que coube a um cientista brasileiro, Paulo Berredo E. Carneiro, a glória de haver conseguido caracterizar a fórmula do curare. De sua descoberta, notificou a Academia de Ciências do Rio de Janeiro, nos idos de 1939, que a publicou em francês. Trata-se de "Les principes actifs du curare", encontrada nos anais daquela entidade.

Servimo-nos do ensejo para exaltar a memória desse excepcional pesquisador, que até pouco antes de sua morte, ocorrida há alguns anos, foi embaixador do Brasil na Unesco. Lamentavelmente, as apostilas e livros de Farmacologia publicados entre nós, pelo menos os que compulsamos, silenciam ou emitem essa significativa contribuição científica desse notável patriótico.

Coisas do Brasil, um país sem memória... Sua proeza permitiu a síntese daquele alcalóide. Como relaxante muscular é necessário em determinadas intervenções cirúrgicas, quando se almeja o "silêncio abdominal", ou seja, que cesse temporariamente a natural movimentação das vísceras abdominais, facilitando o ato cirúrgico. Todavia, em 1938, portanto um ano antes da sensacional descoberta de Paulo Carneiro, o norte-americano Richard C. Gile levou para seu país grandes quantidades de plantas curarizantes. Lá chegando, o Departamento de Pesquisas do renomado Laboratório E. R. Squibb & Sons realizou outros estudos e experimentos com essas plantas.

Porém, a Paulo Carneiro foi concedida a importante conquista, que proporcionou a obtenção do curare sintético. Informa-nos o citado dr. Durval de Araújo Gonçalves (ob.cit) que o conceituado químico alemão, dr. Heintz, com material enviado pelos irmãos Schomburgk, entre 1838 e 1845, foi dos muitos que manipularam o cipó sul-americano.

Influenciado pela denominação "Strychnos", dada ao cipó com efeito curarizante, admirou-se por não haver encontrado o menor traço de estricnina no material pesquisado. Esta é outra substância vegetal, extraída da nós vômica, mas de ação diversa do curare.

Embora com mecanismos de ação diferentes, a intoxicação pelo curare e a estricnina assemelham-se num sentido, ao passo que os efeitos divergem. A semelhança está em que ambas as intoxicações os pacientes conservam a lucidez, acompanhando aterrizados o drama de que são vítimas e condenados à morte, se não atendidos prontamente com os antidotos específicos para cada caso.

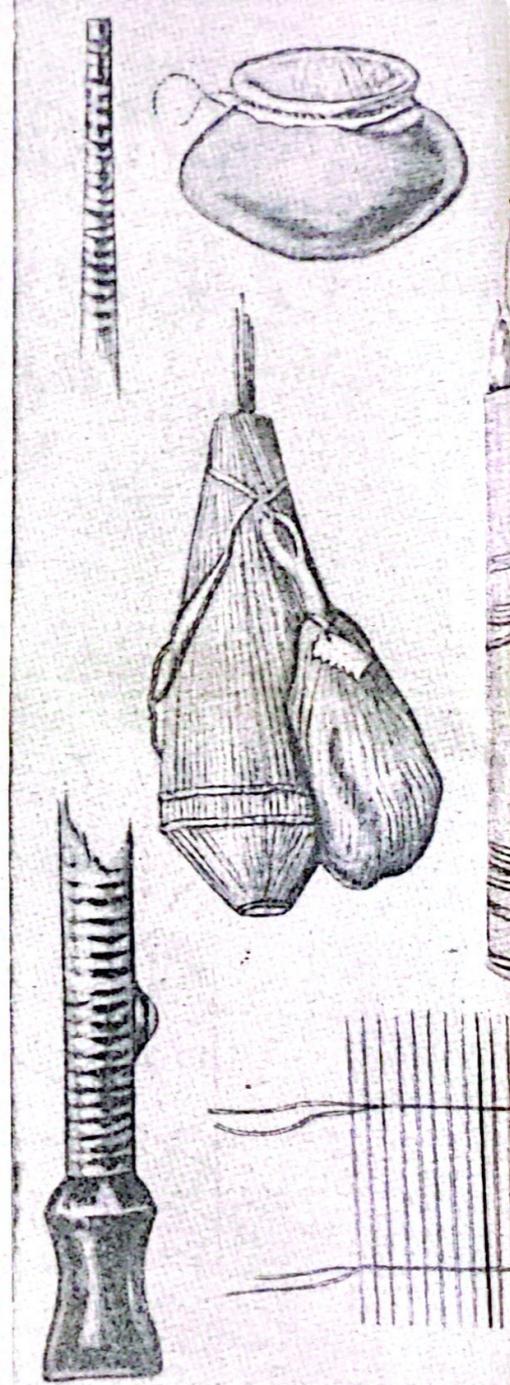
Sendo o curare paralisante da musculatura, a estricnina, ao contrário, é excitante muscular. Com a estricnina, as convulsões desencadeiam-se no paciente ao menor estímulo, como um toque, à simples aproximação do leito, à claridade, enfim, à menor alteração do ambiente.

Já no caso do curare, não se observam convulsões. O envenenado mantém-se imóvel, estático, olhar fixo pela paralisia das pálpebras e da musculatura ocular. As contrações, de grande intensidade no caso da estricnina, levam a opistótonos, como igualmente acontece no tétano. Também neste caso há manutenção da consciência, nas primeiras horas.

Tanto no tétano como no envenenamento pela estricnina, o indivíduo assume posição grotesca, não fosse sua tragicidade. Recurva-se como se fora um arco, apoiando-se apenas sobre a face posterior do crânio e os calcanhares. É um aspecto deveras comovedor e incômodo.

As duas intoxicações assemelham-se novamente, quanto ao óbito, em ambos os casos, por asfixia. Ocorre a paralisção dos músculos respiratórios, inclusive do diafragma. Ainda segundo o dr. Durval de Araújo Gonçalves (ob.cit.), o pesquisador Krukoff classificou a seu tempo cerca de duzentas espécies de "Strychnos", das quais, mais de um quarto, 54 delas são encontradas na Hiléia.

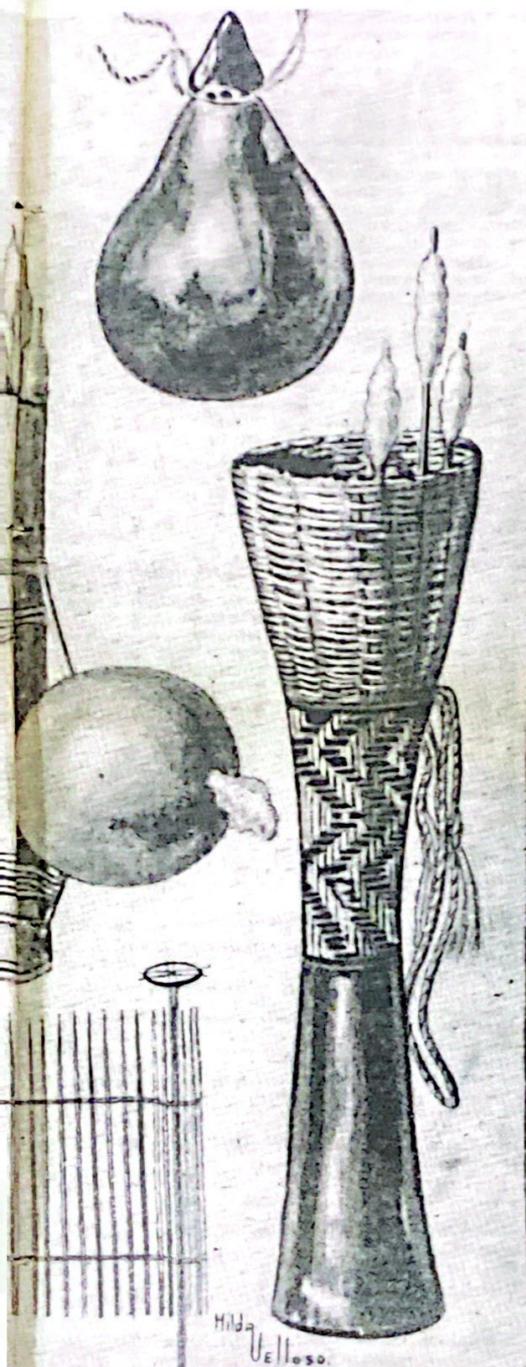
Por ignorância, superstição, ou visando emprestar um aspecto mágico no preparo do curare, os aborígenes costumam adicionar peçonha de animais, dentes de cobra ou Jacaré reduzidos a pó, e até mesmo o suco da mandioca brava, rica em ácido cianídrico. Imaginavam, com isso, enriquecer o potencial do curare, quando se sabe que a ação paralisante só ao curare é devida.



Esses índios habitam principalmente as regiões dos rios Orenoco, na Venezuela; Negro e Uraricoera, no Brasil (Roraima); e os rios Rupununi e Essequibo, na Guiana. Aliás, Uraricoera, em língua indígena, compõe-se de "URARI" (curare) e "COERA" (velho), ou seja, veneno velho!

São poucas as tribos que sabem preparar o curare porque nas regiões que habitam encontram-se os cipós de efeito curarizante. Pelas razões acima expostas, fruto de suas crenças, relutam em falar sobre sua confecção, opondo todas as desculpas e dificuldades, sobretudo o de prepará-lo perante os

Paulo Berredo Carneiro



Passou esse produto para outro vaso, aqueceu-o em fogo brando, até assumir a consistência de xarope. Com ele espetou duas aves, utilizando uma agulha de espinha. Ambas morreram, a primeira em 22 minutos e a segunda em 28 minutos.

Schomburgk verificou, ainda, que o curare por ele conseguido, sem qualquer das adições que fazem os índios, resultava na esperada paralisação e morte em poucos minutos. Aperfeiçoando o método, obteve o curare em apenas sete horas, quando o processo nativo leva até 48 a 72 horas de cocção, variando com a qualidade do "Strychnos" utilizado.

Observou também que variava de tribo para tribo a duração de atividade paralisante e fatal, que, de outro lado, agia com presteza, quando oriunda de determinadas nações indígenas. Enquanto o curare elaborado por determinadas tribos consumia extensas horas para determinar o efeito desejado, o produto das nações Uapixanas e Macuxis era mais rápido em sua ação, manifestando-se em questão de escassos minutos.

Em virtude disso, esse era o curare mais procurado. Outras tribos caminhavam longas distâncias para possuí-lo. As citadas tribos vivem próximo às fronteiras do Brasil, Venezuela e Guiana, que confluem no monte Roraima.

Herman Schomburgk encontrou-as na Guiana. As tribos necessitadas de curare trocavam-no, entregando pelo excelente curare dos Macuxis e Uapixanas produtos agrícolas ou de artesanato. O segredo estava em que estas duas grandes tribos, que são as mais numerosas de Roraima, localizavam-se no habitat do "Strychnos Toxicifera", de maior atividade e virulência, dentre outros de sua espécie.

O curare extraído de outros "Strychnos", e vimos que foram classificadas 54 espécies diferentes só na Amazônia brasileira, era menos potente. Segundo o relato de Durval A. Gonçalves, Herman Schomburgk passa a descrever a operação-curare, o que pejeou para conseguir.

Notou que além da casca o índio fabricante empregava também a seiva do cipó. Em sua presença foram adicionados cinco ingredien-

tes, além do "S. Toxicifera", os quais não conseguiu identificar, como outras plantas (duas de potencial curarizante).

Concluiu que eram o "Strychnos Schomburgk" e o "S. Cogan Berth". Quanto às demais, somente conseguiu saber seus nomes com a denominação em língua indígena, concedida pelo espírito silvícola! Até o lendário Rondon, que esteve na área em 1927, em que pese sua boa aceitação pelos nossos irmãos das selvas, foi por eles ludibriado, frustrando-se como todos os que interessaram-se pelo afamado e exótico veneno.

Enganam-se redondamente os que confiam na aparente ingenuidade dos índios que não são nada bobos... A malícia e sagacidade com que envolveram H. Schomburgk de nada lhes valeu: o culto e civilizado branco alemão chegou a fabricar o mesmo curare nativo, puro e sem adições, em apenas sete horas de cocção, fração de tempo bem mais curta que consumida no processo indígena. Estes a cercam de um ritual seguido à risca e pleno de mistérios e abusões a que se apegam sistematicamente.

A eficácia do curare conseguido pelo preparador aborígene foi testada em duas lagartixas, que, segundo o índio, são mais resistentes ao virulento tóxico. Ignoram o porquê dessa reação diferente, em se tratando de animais de sangue frio. Os animais mortos morreram em nove minutos, ao passo que um rato consumiu quatro minutos e uma ave de porte médio morreu em oito minutos. Vale notar que os dois últimos eram animais de sangue quente.

A conclusão é que, nos animais de sangue frio, o efeito é mais retardado, mais ou menos o dobro de virulência e rapidez, do que em animais de sangue quente. Consoante à ingênua crença indígena, as mulheres não podem assistir ou permanecer por perto do local de preparo. Tanto as donzelas como as de mais idade são impedidas de postar-se nos arredores de onde se prepara o veneno...

Maior cuidado há que se ter com as grávidas! Não sabem explicar essa tola discriminação. Machismo indígena, de fundo puramente místico?

Acreditam igualmente que podem intoxicar-se com os vapores da demorada cocção, o que os leva a preparar o curare apenas uma vez por ano. Excepcionalmente, o fazem duas vezes no mesmo período.

Como antidoto, em caso de envenenamento acidental, acreditam que a glicose contida na cana-de-açúcar tem esse efeito. Nesse caso, ingerem caldo de cana em grandes quantidades. O mesmo efeito atribuem ao sal de cozinha, raro entre eles. Estas e outras informações e observações prestadas pelo dr. Durval de Araújo Gonçalves (ob. cit.) resultam de sua demorada e vasta experiência em assunto amazônico.

Na realidade, os únicos descurarizantes são a prostigmina e a fisostigmina, que atuam sobre o sistema nervoso periférico e no parasimpático. A partir dos estudos de Claude Bernard descobriu-se o modo de ação e onde atua o curare. Trata-se de processo eletro-neuro-químico. O ponto de eleição do curare é a placa neuromotora, onde ficam, frente a frente, radiais nervosas e fibras musculares, ou seja, a sinapse nervo-músculo.

A ação do curare resulta da interrupção ou bloqueio do fluxo nervoso, sem o qual os músculos não se contraem, respondendo à ordem do cérebro para que o façam. Daí a paralisia observada. Anatomicamente, os nervos periféricos e do sistema parasimpático distribuem-se pelo corpo animal, terminando em finíssima e quase invisíveis raízes que infiltram-se no interior dos músculos e vísceras, imbricando-se nas fibras musculares lisas ou estriadas, formando a sinapse neuro-muscular.

Estas deixam de responder ao influxo nervoso emanado do sistema nervoso, ficando inativas, tanto as fibras estriadas do tronco e membros, como as lisas, inervadoras de vísceras, como o estômago, a bexiga, os intestinos etc.

Há porém um quadrúpede mamífero e de sangue quente, como a preguiça (Bradipodidos), que reage mais lentamente ao curare. Seu nome original é "ai", devido ao som que emite, que faz lembrar esse monossílabo, além da denominação popular de preguiça. Vem este da lentidão de seus movimentos.

Dificilmente suporta o cativo, o que impede a melhor observação de

seus hábitos e comportamentos. O tantas vezes citado dr. Durval de Araújo Gonçalves, misto de malariólogo, pesquisador e sertanista, cerca-se de uma exagerada modestia e humildade, raramente trazendo a público suas originais conclusões hauridas em cerca de cinquenta anos de vivência amazônica.

Velhos amigos e colegas que somos, roguei-lhe autorização para divulgá-las, como ora faço, acrescidas do que vimos, ouvimos e aprendemos nos dez anos que habitamos em Roraima. Ele atribui ao peculiar sistema circulatório desse animal, com circulação sanguínea mais lenta ou retardada, sua reação tardia aos efeitos do curare.

Nela verifica-se, entretanto, uma eliminação mais rápida do veneno, mais veloz do que entre outros animais. Esse comportamento é paradoxal, devido ao fato de seu metabolismo geral, inclusive o muscular, que se faz de forma mais lenta.

Entretanto, fica a indagação quanto à acelerada eliminação do tóxico. Existindo nesse animal singular circulação mais lenta, seria de esperar a eliminação igualmente menos veloz do curare, o que não se verifica na realidade. Aqui fica a indagação para maiores investigações, se bem que, de menor importância, em face do que se conhece sobre o curare.

Fomos mais além ao constatar que o prof. Max de Barros Erhart, antigo docente de Anatomia da Faculdade de Medicina da USP, foi o primeiro a estudar, no ramo da Anatomia Comparada, tanto animais domésticos como outros de nossa fauna: peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos. Entre estes, a preguiça, na qual, como em outros mamíferos, "por motivos diferentes, se pode esperar um comportamento peculiar na origem e decurso das artérias".

Finalizando, a Paulo Berredo Carneiro ficamos a dever a importante contribuição que legou à medicina. Quanto ao dr. Durval A. Gonçalves, formulamos votos no sentido de que o curare sirva para salvar vidas e não para extingui-las.

brancos. O próprio dr. Durval de Araújo Gonçalves, não obstante quase meio século de permanência na Amazônia, com longa experiência, prática e vivência no lidar com os índios, não conseguiu demovê-los.

Herman Schomburgk foi o único civilizado a conseguí-lo com os índios da Guiana. A muito

custo assistiu ao cerimonial ritualístico da preparação, bem como à escolha dos exemplares da flora que entraram no processo.

De posse do "Strychnos Toxicifera" tirou-lhe a casca, triturou-o e pôs a ferver pelo espaço de 24 horas, obtendo extrato de coloração marron.

O centenário de nascimento de Almeida Prado

* Roberto Machado Carvalho

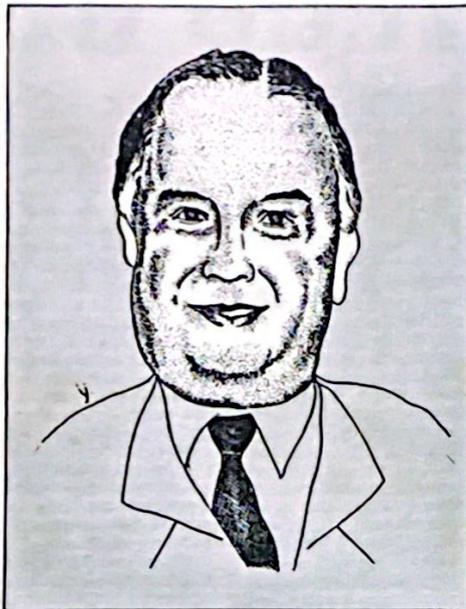
A passagem do centenário de nascimento do prof. dr. Antônio de Almeida Prado, dia 13 de junho último, trouxe à lembrança do mundo científico e cultural de São Paulo aspectos da vida, obra e personalidade de um dos nossos mais eminentes homens das ciências e das letras. Natural da tradicional cidade de Itu, - recordada em seu livro Crônica de Outrora - Antônio de Almeida Prado nasceu aos 13 de junho de 1889, sendo filho do dr. Francisco de Almeida Prado e Isabel de Almeida Sampaio, descendentes de antigas estirpes ituanas. Do casamento com Zilda Junqueira nasceram os filhos Beatriz, Flávio e Décio.

Deixando, ainda criança, sua terra natal, aos cinco anos já estava matriculado na Escola Americana de São Paulo, onde fez os cursos primário e secundário, completando, este último, no famoso Ginásio "Nogueira da Gama", de Jacareí, e no Instituto "Sívio de Almeida", de São Paulo. Aos 18 anos, matricula-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, bacharelando-se seis anos depois, em

1912. Retornando a São Paulo, inicia um longo e brilhante magistério médico na Faculdade de Medicina fundada por Arnaldo Vieira de Carvalho e que, em 1934, integrou-se na Universidade de São Paulo. Foi mestre da Clínica Médica, Medicina Geral e Patologia Médica, formando discípulos, uma plêiade de preclaros médicos.

O dr. Antônio de Almeida Prado exerceu, ao longo da carreira, importantes cargos públicos, como secretário da Educação do Estado, diretor da Faculdade de Medicina, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, e reitor da Universidade de São Paulo (1946). Deixou este cargo para se candidatar a governador do Estado, nas eleições de 1947, integrando as fileiras da antiga União Democrática Nacional (UDN), da qual foi presidente do Conselho Consultivo. Democrata convicto, mesmo sabendo que não tinha possibilidade de vencer nas urnas, lançou-se à campanha para pregar sua mensagem política, baseada em puros ideais de liberdade, mormente naquele momento conturbado do pós-guerra.

Todos os seus memoráveis discursos de palanque foram canalizados para o atendimento



das reivindicações sociais, inseridas no contexto da ordem democrática. Para o prof. Almeida Prado competia às lideranças políticas compreender aqueles reclamos, dando a orientação adequada para a solução dos problemas sociais. Em todos os momentos sua inteligência e aprimorada formação liberal davam uma nobre dimensão às suas pala-

vas, pensadas, sentidas e vividas em termos de democracia. Seus discursos de campanha política foram reunidos no livro Jornada da Democracia (1948). Entre as inúmeras lições que deixou, está um recado bem atual: "De nada adianta para o regime democrático que as agremiações partidárias ou os governos tenham estatutos liberais e avançados, quando

suas mentalidades são reacionárias e desejam obstar o progresso social". Além de inúmeros trabalhos científicos, Almeida Prado dedicou-se ao culto da história, literatura, teatro e artes em geral. Entre suas obras - total de dezessete volumes - destacam-se "As doenças através dos séculos" (1944), "Vultos e temas médicos" (1952), "Páginas avulsas" (1956), "Escolas de ontem e de hoje" (1961), "Crônica de outrora" (1963) e "Um dia depois do outro" (1965), obra póstuma publicada pela Editora Clube do Livro.

Para se ter uma idéia da vasta e eclética cultura do autor, basta examinar alguns dos títulos deste último livro, uma coletânea de textos sobre os mais diversos assuntos, como conferências sobre a rainha Leonor de Lencastre, as óperas de Puccini, a obra científica do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, a função colonizadora do Tietê, discursos biográficos de Arnaldo Vieira de Carvalho, Cantídio de Moura Campos, Waldemar Martins Ferreira; artigos sobre Júlio Mesquita, Plínio Barreto, José Bonifácio, Aluisio de Azevedo, Carlos Chagas, Euclides da Cunha, Júlio Verne; médicos e escritores, o Colégio Caraca, teatro, tipos popu-

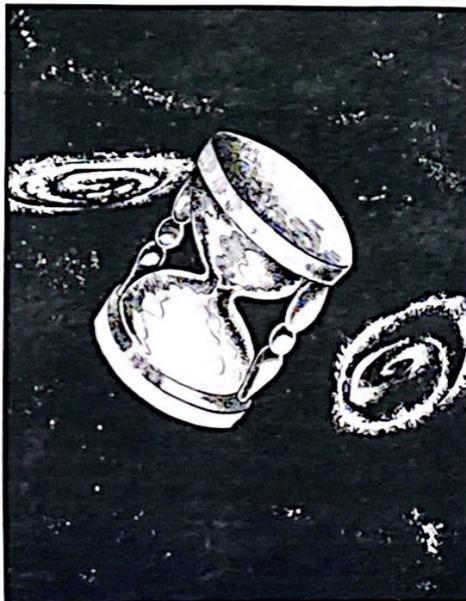
lares na pintura de Almeida Júnior e outros. São páginas de ciência, humanismo e idéias criadoras.

Ao noticiar seu falecimento, ocorrido em São Paulo aos 7 de junho de 1965, o jornal O Estado de S. Paulo escreveu: "São Paulo perde um dos mais vigorosos representantes dessa personalidade tipicamente paulista que se manifesta pela inteligência sólida e cultivada, aberta a todos os aspectos da vida cultural moderna." Mais adiante e a propósito do mestre de Clínica Médica, lembrou sua "imensa capacidade de abrir e alargar horizontes, de formar discípulos e a nobreza de seu caráter e elevação de seus sentimentos". Em relação à política, o jornal destacou o "apaixonado pela nossa terra, tendo participado de todos os movimentos civis que se registraram no país, após a queda da ditadura".

Como cidadão, foi o prof. Almeida Prado um exemplo de dignidade, a serviço do Bem e do Belo. Por tudo isso, o centenário de seu nascimento significa uma grata efeméride para São Paulo e o Brasil.

* Roberto Machado é membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e da Academia Paulista de História.

Cosmoflexões



- 1 - Bem além do tempo deve ter existido o início do futuro: definição de ingenuidade?
- 2 - Tudo que começa, termina?
- 3 - Andar para trás é o mesmo que andar para frente?
- 4 - Quem repete, repete?
- 5 - É o tempo que passa, ou a luz é que anda?
- 6 - O que aconteceu ainda existe?
- 7 - O que se passa ali já aconteceu aqui?
- 8 - "Aqui" é lugar ou é momento?
- 9 - O ponto é o momento da linha?
- 10 - Qual a massa da luz do pensamento?
- 11 - A realidade é mera ilusão da antimatéria?
- 12 - A energia do pensamento expande o Universo?
- 13 - Por que o Universo é sempre do tamanho do Homem?

- 14 - Se o que percebemos já não existe, por que vivemos com o percebido?
- 15 - Um espelho reflete o presente ou o passado?
- 16 - Buraco-negro é útero ou sentina?
- 17 - O Universo tem moral?
- 18 - Quantos homens serão necessários para se conhecer o Universo?
- 19 - A harmonia é resultado da limitação temporal do Homem?
- 20 - Se o Universo é curvo, por que o Homem pretende um caminho de retidão?
- 21 - Universo é uni-verso ou poli-verso?
- 22 - E se verificarmos que o Universo é gota de oceano?
- 23 - Se o Universo é infinito, como se deve proceder para passar para o lado de lá?
- 24 - O centro do Universo é sempre onde o colocamos?

DEPARTAMENTO CULTURAL

Carlos Alberto Salvatore - presidente

Anneliese R.F. Thon }
Carlos Kleber Canova } Tertúlia

Cássio Ravaglia - Divulgação
Guido Arturo Palomba - Biblioteca
Heber Maia de Mattos - Música

Nélson Pedral Sampaio }
Wanda Gonda } Pinacoteca